

POESIE



JANEIRO

7 S. Theodoro Monge 358

Amanhã lua cheia



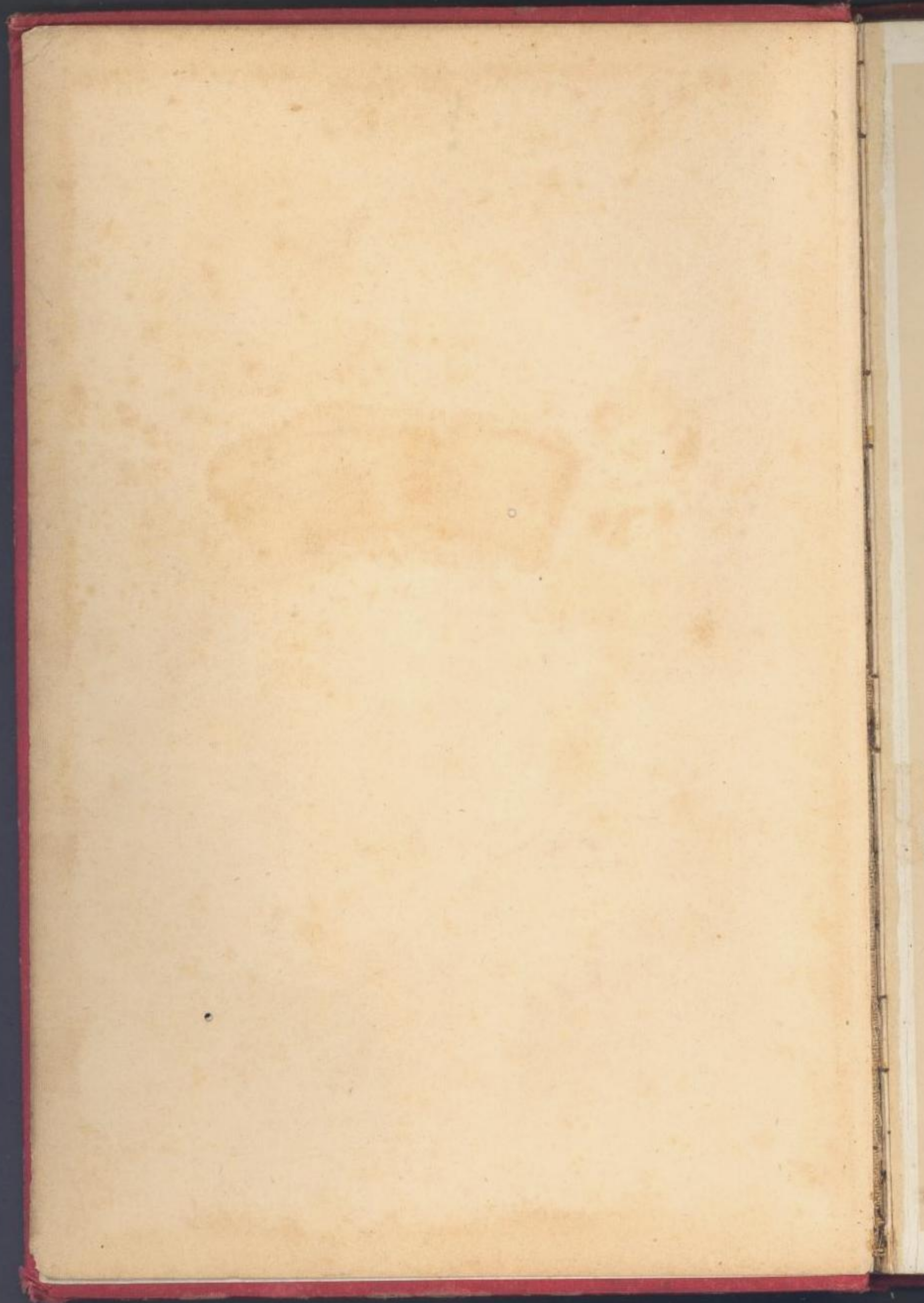
Domingo

Amigo, não é réclame ;
Isto é sabido em geral ;
Si o calor lhe faz vexame
Tome cerveja *Cristal*.

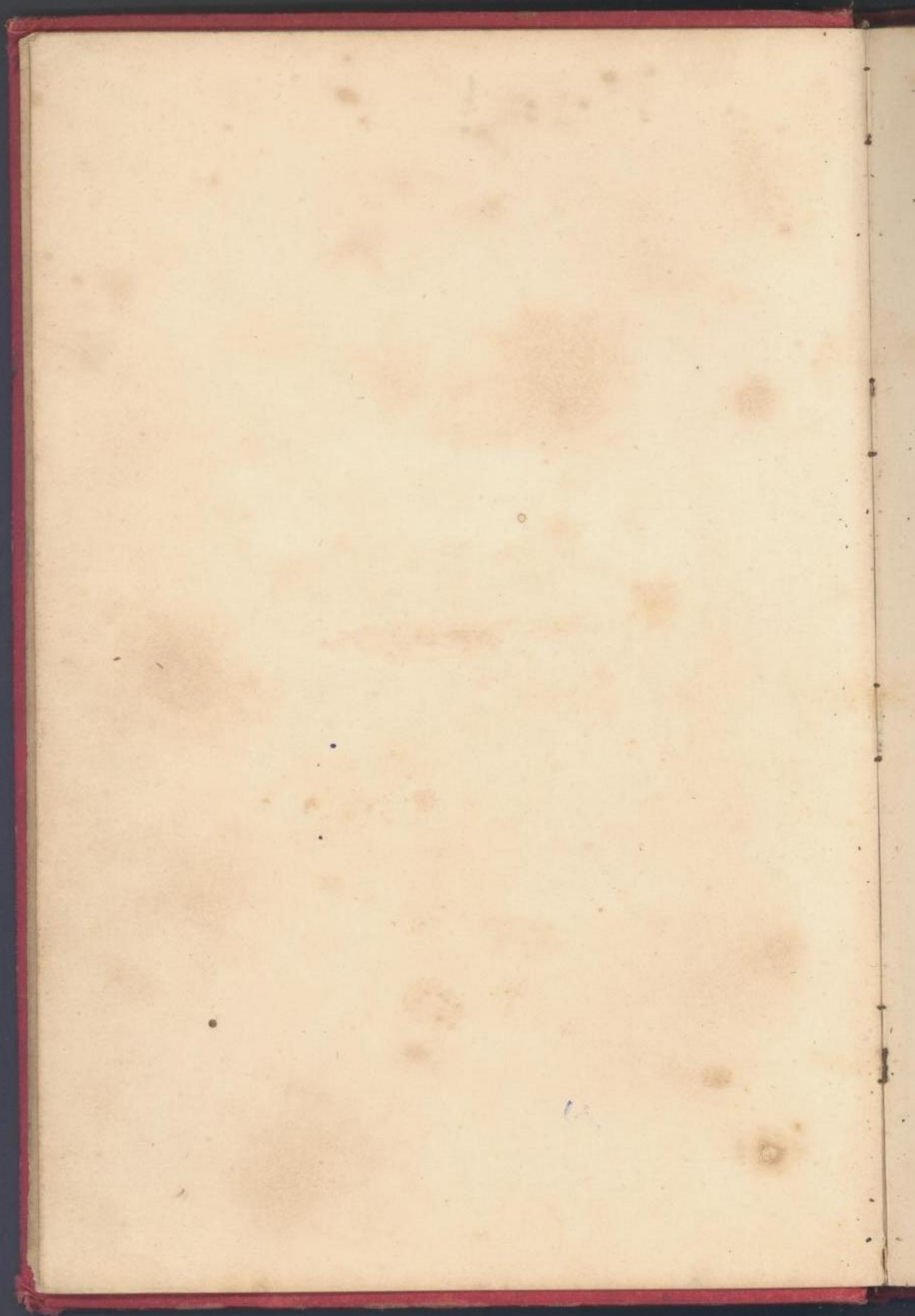
Faze o bem e fecha os olhos;
Fecha-os, não olhes a quem.
Não vejas o mal dos outros,
Vejam os outros teu bem.

100







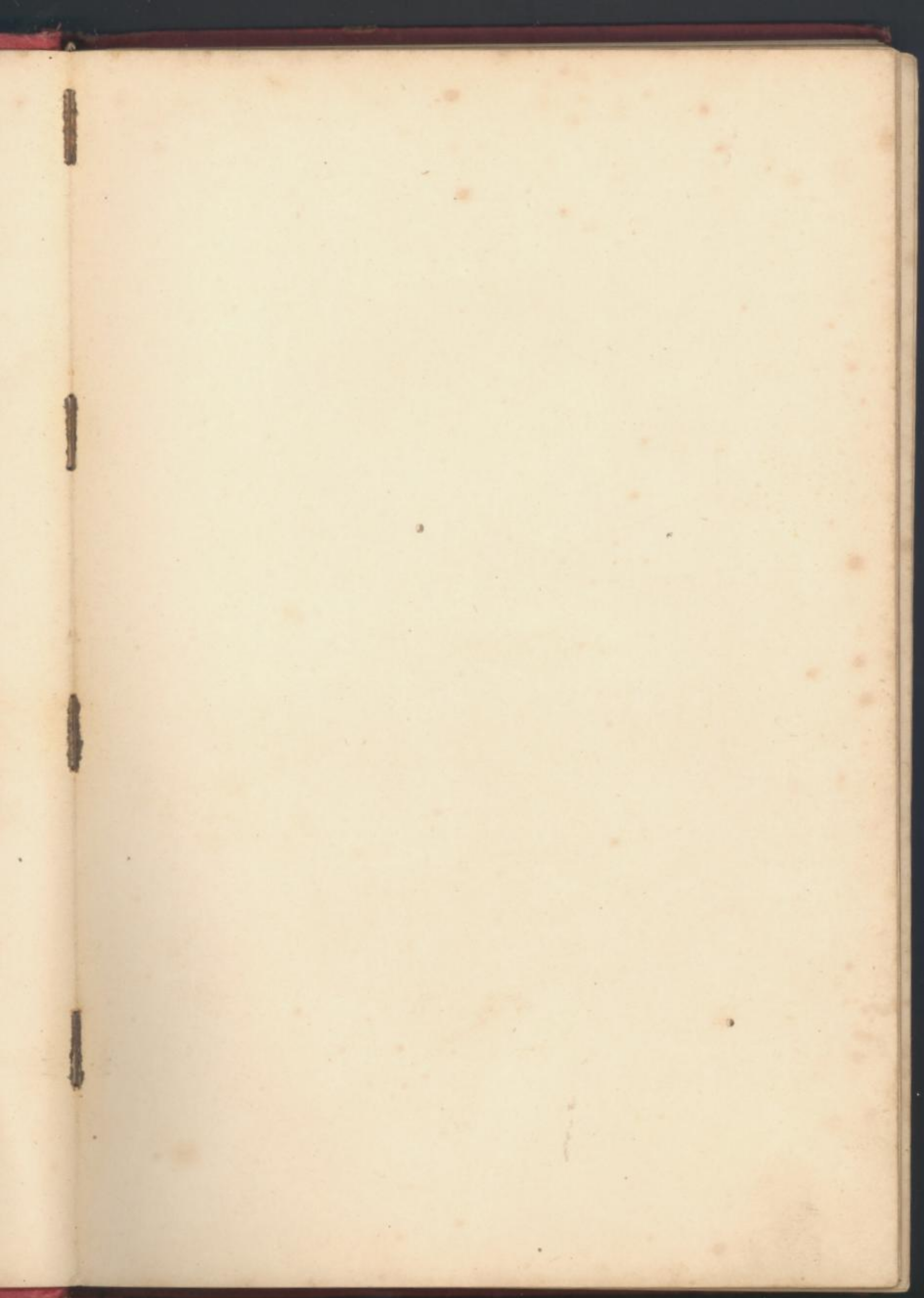


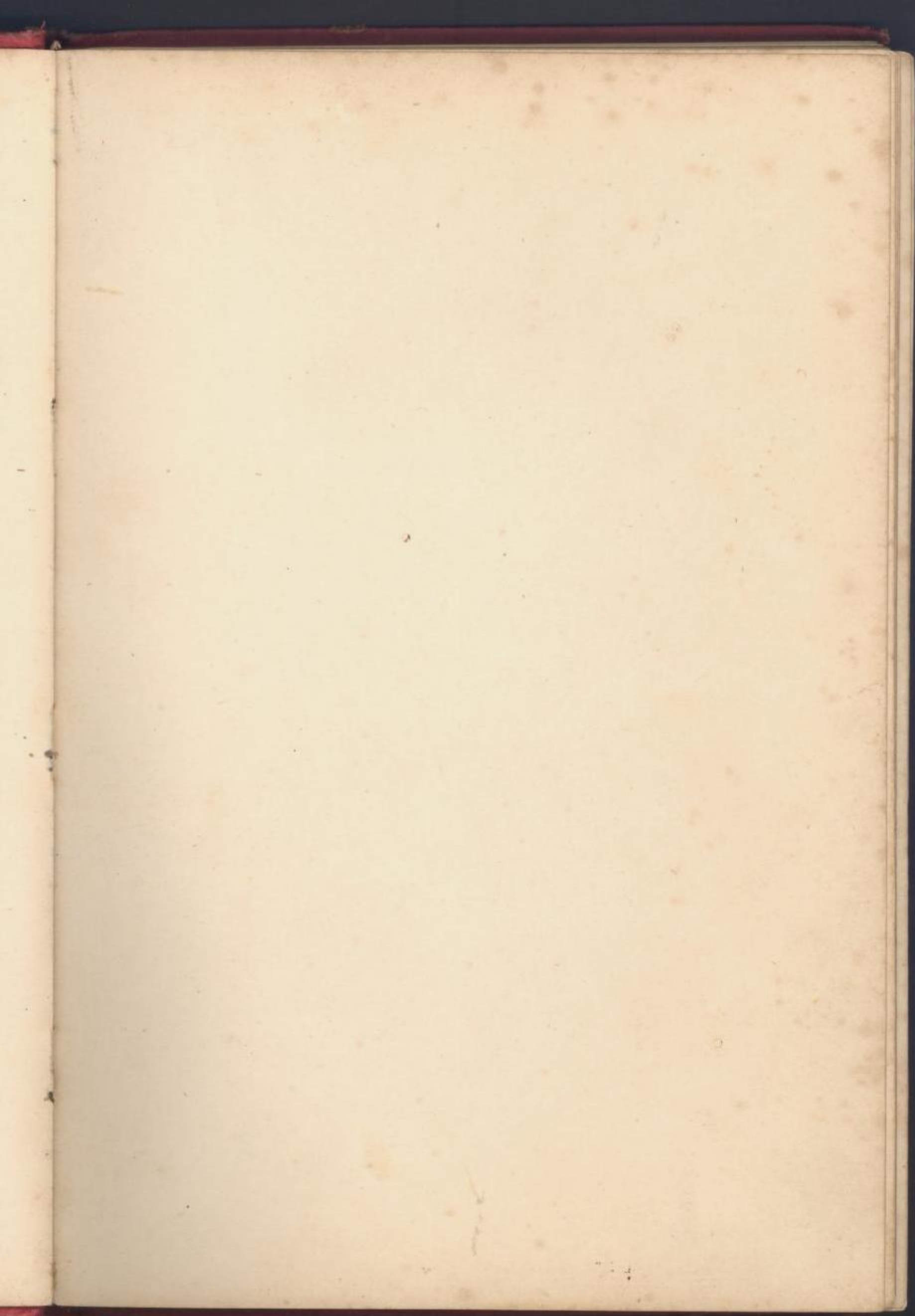


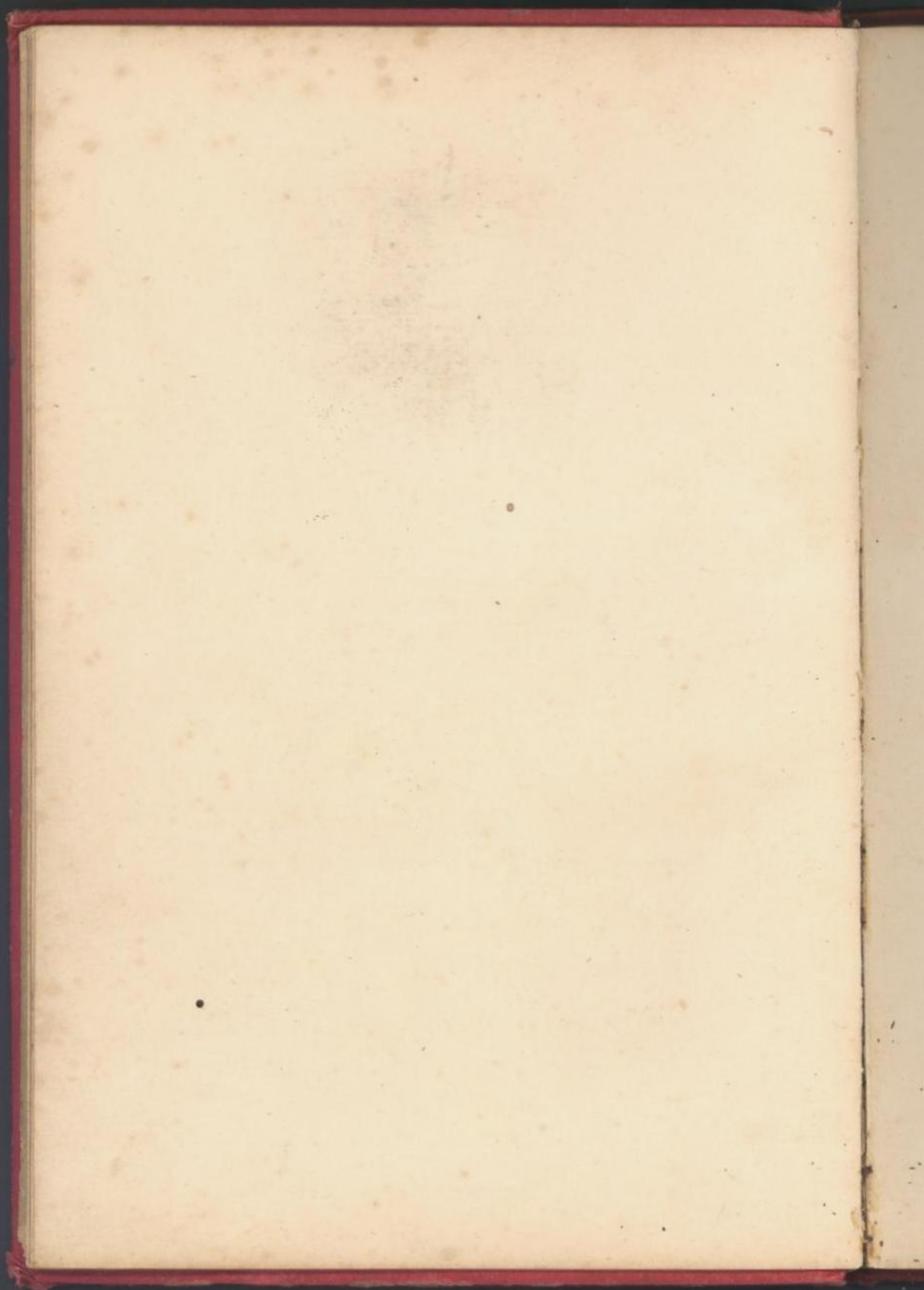
"Aletine's sketchbook"

Oh! souvenirs . . .











De fronte pervida, olhar annue
viado & triste; em passos lentos, se
guia o Viajor, carrucho sem ru
mo.

Viajor da vida, o amurdo, com
sens turbillões, o arrastava indif
ferente. pelos plains tranquil
los, e pelos perigosos escabrosos.

Aquelle caminho, nada o
prendia: uma flor, um gozo, um
encanto, não encontrava; as dores
e desventura eram suas compa
nhiras

Que importava andar? Parar,

revertir ao turbilhão, porque, para
que? Caminhar, caminhar sem
pre, até o termo da viagem.

Um dia, brilharam seus olhos,
a fronte se ergueu e a esperança
reanimou-lhe o corpo: entre as agren-
das do caminho, na flor escondida,
entreveio a ventura.

O Viajor parou; assumiu-lhe o
riso aos lábios, estendeu os braços
à flor, e a alma ardente se queria
partir, em busca da felicidade ali
segura.

Elas o retinha em seu turbilhão
gatal e munda, e o saciedade, e envol-
vem, e o arrastou sem piedade: além,
a indiferença, as dores, a desventura.

E o Viajor partiu; deixou na flor

escondida nas agulhas, segredos
a alma, e a esperança perdida

E com a fronte perdida, olhos
amuciados e tristes, em passos lú-
dos, seguiu o Viagem, caminho sem
retorno.

1929
10 de 1895

Desleixo 34

DS

1895

1924

1895

29



72

33

39

(Eu tenho
39 anos
nessa idade)

1
A...

Deixa-me a fronte descansar, piedoso,
— um instante em teu peito carinhoso e
— cu! deixa-me de amor morrer assido!
— Rujá de ira o meu tyranno fado?
— tu, saberás o quanto te hei amado,
— eu, se me amas, saberei por fim!



Saudade - gosto amargo d'infelizes
cruéis punções d'acerto espinho,
que me estás repassando o intimo peito
com dor q' os seios d'alma delata!

(Garul)

Tudo de ti me fala - este silencio,
este raio de sol que vem beijar-me,
aquella azul do céu, a meiga hora
que docemente sôa, como as notas
d'um canto de saudade...

Tudo de ti me fala! - e eu só, eu triste,
pergunto ao sol, às brisas, ao silencio,
onde és tu, onde és tu, amor d'est alma!
e a brisa passa, e o silencio é mudo,
e o raio de sol que vem beijar-me
também arrefece a remorecido more!

Onde vaga o teu doce pensamento
e não o sinto junto a mim pensar-se?
Embalde à linda estrella vespertina
eu pergunto se algum, nos céus, decaia,
creante o não encontra entre essas nuvens
que choram ovalhos sobre os brancos lenos,
embalde! - a estrella volve à madrugada
e a interrogo, candida desmaiada,
e os arreboes em lagrimas se esfumam...



I

O sol no seu aral brilha formoso,
e vento rumoreja docemente,
meio dia já se alevantou
e minha alma te anseia e tu não tens!

II

Onde estás, meu amor? quem te demora?
Se eu eu morro sem ti, porquem me espere?
ai! que magoa tão grande tu fazes
que supera o punzir desta saudade!!

III

Que outro amor mais profundo eu mais ardente
a tua alma retem de mim distante?
Que acaso outro peito mais amante
em que deites a fronte enlaançada?...

IV

Nos teus sonhos não passa a imagem triste
de quem morre sem ti, sem teu carinho?...

A saudade cruel o olivier espinho
não me craves assim ao peito amante...



A flor-pálida e triste esmorecia na se-
lva gelada; o sol passava, e o seu vivo calor
deleto o gelo.

De deo em snio o sol ardente passava,
na solidão, a flor, o raio seu beijou, e a
flor corou tremulante...

Lá no infinito nuvens escuras, nuvens
de temente, intanto perpassavam talves
o vendaval, talves o raio...

Meas o sol vira a flor-pálida e triste,
o branco seio gotteava lagrimas, o sol
seccou-as, a flor corou, sorriu-se...

E o branco seio derramou perfumes, e
a solidão se revestiu d'encantos; e no
perfume e na desura grata, sorria o sol

O sol venturas mil sonhava...

Mas lá no espaço se agrupavam
nuvens... era fulgor e rutilo, talves
e vendaval!

Monstruoso sol cobria e tudo escure-
cia e uma lagrima d'ouro foi cair
na flor do branco seio: lagrima
que a luz do sol tornou ardente.

E a flor guardou no útero e gottou in-
consciente e tão minúscula; alma
de luz que, envolta em seu perfume,
ficou breve sua d'ella.

De novo a solidão, o gelo, e a flor
mais desmaiada e triste; e quando
velocidade o sol que a alma lhe deixara
no seio!...

Quem sabe? Se ficou luz desvanecida,
foi uma estrela pallida e chorosa,
errante pelo céu...

Plágio, Plágio da vida, tu foste o sol;
a flor que vesti em teu carminho de uris,
guarda tu alma, e e com guardas tu

a esperança.

Segue o teu rumo. Melhor eu vejo, mas
segue a frente e o olhar: não vê,
há no infinito, pallida estrella brilhando.

- É a Esperança!

IS

(30 de Novembro de 1900.)

~~primeira edição~~



25
anos

V

Onde estás? o que soffres? quem te impede
que desforças em mim consolo e affecto?!
Não fui neste mundo o teu electo
que na mente creaste em lindo sonho?...

VI

Não te lembras de mim?... esta vida de
que magoa minha alma entristecida,
não chagava de passar na tua vida
os espinhos cruéis de que se cercada?...

VII

Teu amor, teus carinhos quem me os rouba
que me deixas soffrer tão sem conforto?
me teu fulto, cruel, de novo e morte
está teu coração que me revivira?...

VIII

O sol que aliás brilhava desmaiado agora,
e meus ares magoados não ouviste!...
O luto fende o oceano e o alto chora...
Chora tão bem de amor, minha alma triste!...

Minha saudade.

Vem, ó saudade vem,
ó meu coração.

(G. Dias).

Transmonta o sol, amaiya se a natureza,
Suspira a viragem doce quebrante,
e no flôrco mato da breuha escura
derata o salio mais tenro varito.

Curva a fronte gentil sob a folhagem,
a violeta mimosa das campinas;
o ovalhe subtil sobre a ramagem
temba do cieu em perlas crystallinas.

Oh branca flor do cactus, formosa,
já solta a cima d'ouro perfumada;
da matto no retiro, suspirada,
gemo a relinha triste, abandonada.

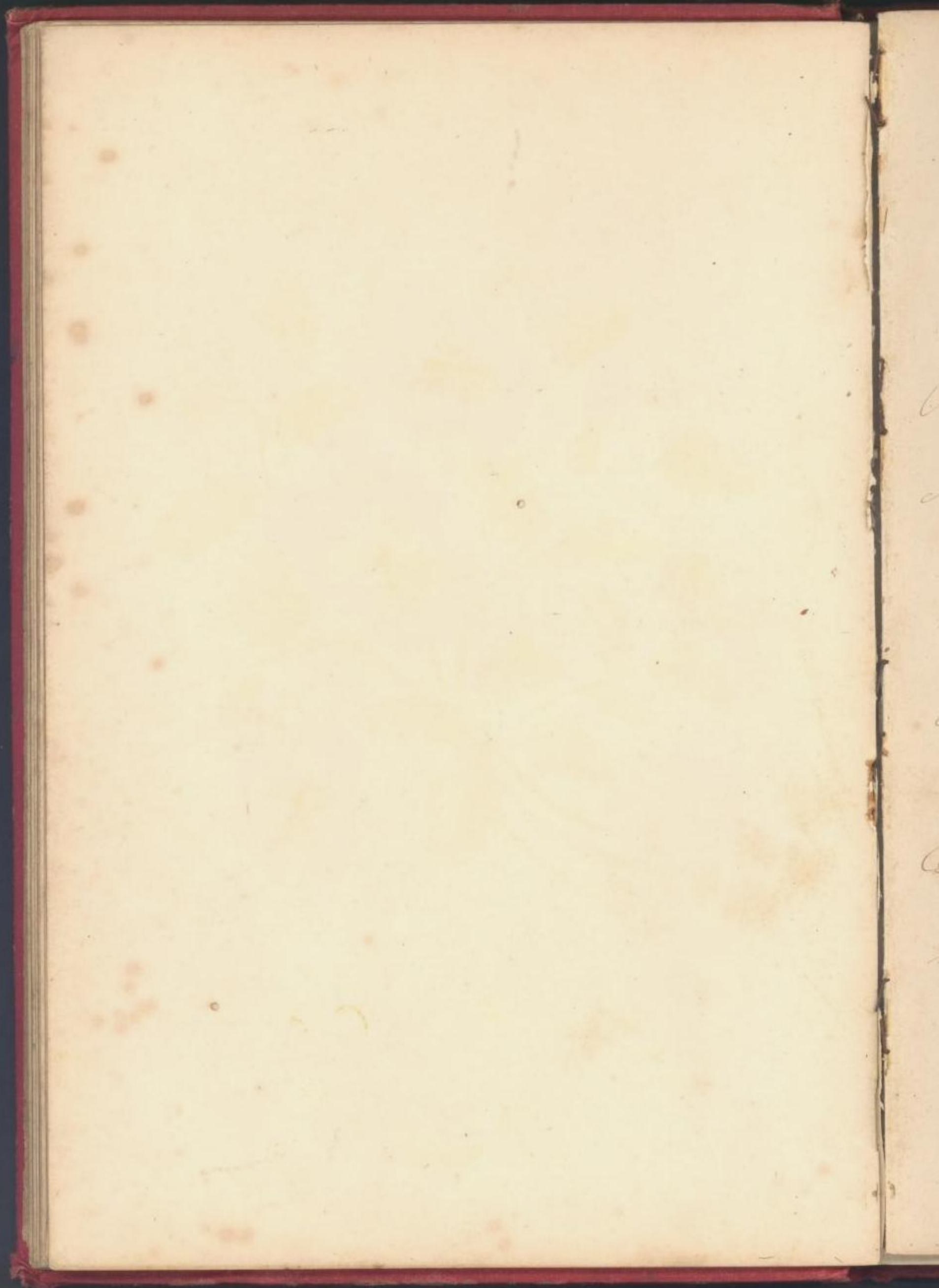
18
Vesper despierta e no crystal das agoas
da face lúida estampou os esplendores:
Vem, ó miúdo saudade! e trinas magoas
do mundo sonhar do meu amor!

Agora que a aurorinha tem receio
chame entre as franças do subjunctivo amor,
e o miúdo begar cobrindo o seu
sereno as armas de bolão minor.

Vem o doce intermédio da ventura
Vem debr ~~o~~ fangos das amarguras;
Oh! vem... esta hora moço na luctura
— Vem trazer-me o sonhar do meu amor!



Je pense à toi



O teu olhar.

Je serai, si tu veux, ton esclave fidèle,
pourvu que ton regard brille à mes yeux ravis.
(V. H.)

O bálsamo de amor, clarão sereno
de mystica ternura,
Serrania-te em minha alma - solidamente
que envolve a rosa pura.

Para me todo o amor de que é reflecto
sem coração ardente,
Oh! tradutor me esse idyllio por conficte,
- linguagem que não mente.

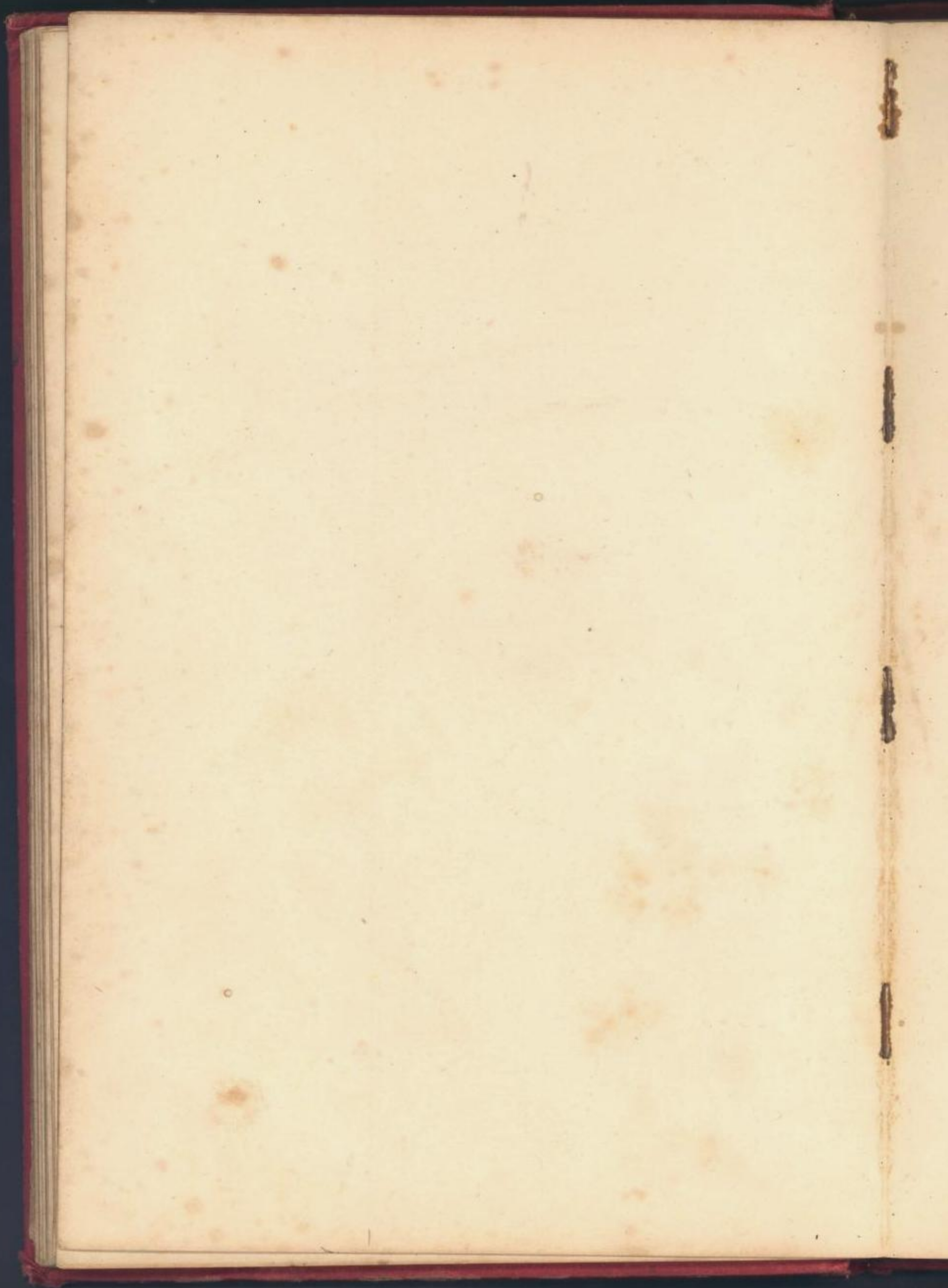
Dece e placido olhar - luz de bonança
tão cheia de fulgor,
não me dá em teu raio uma esperança,
mas és meu sol de amor!

Vem ao meu coração - flôr de martyrio
que se abre rubra e pura,
nem cahir como arvalho sobre o lyrio,
effluvio de ternura!

Por ti quero viver e morrer quero
doce e placido olhar.
de ti somente a dor, a morte espero.
mas amo este penar.

Doce e placido olhar, minha alma beija
e meu o sel beija a flor;
eu sou o lirio e o teu raio almeja
se tu és meu sel de amor!

73
44
64

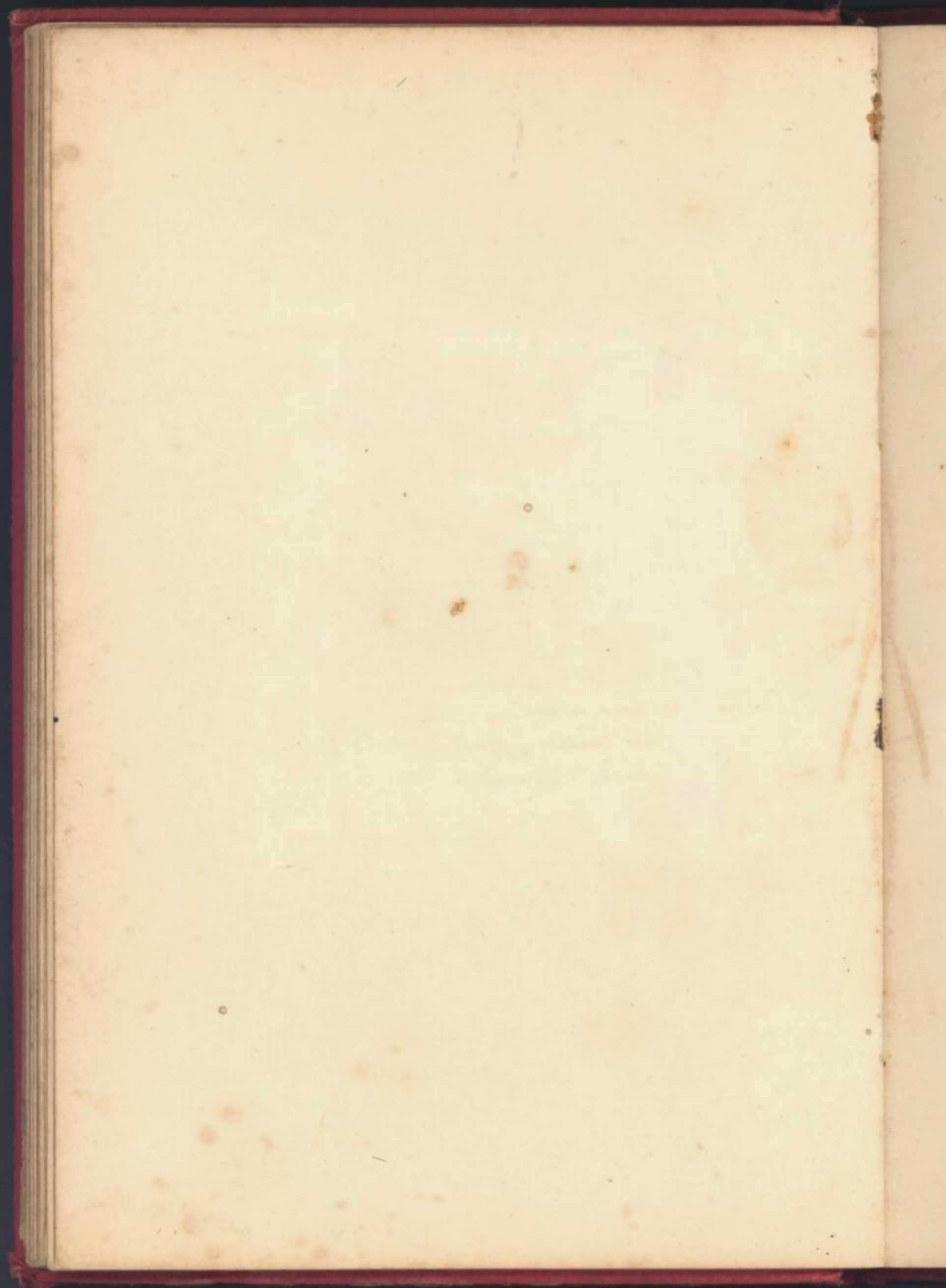




13

Longe, per esse axul dos vastos mares,
na solidãe melancolica das aguas,
ouvi' gemer a lamentosa Alegoria,
e com ella gemia minha saudade.

(Garret)





ha novo, encarnado, rosa &c -
Dá batatas - plantada uma folha
pega e reproduz

